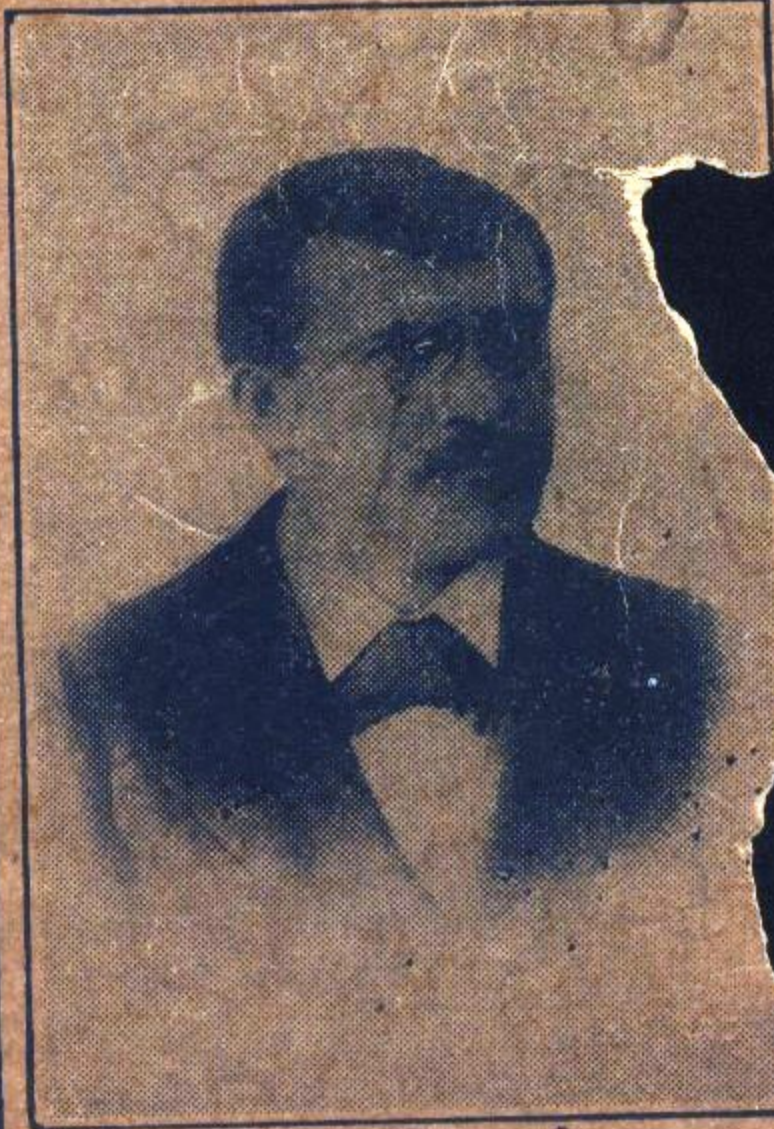


RECTORIA GERAL DA EDUCAÇÃO
E ENSINO PÚBLICO

ESCOLA

REVISTA DO PROFESSORADO DO PARÁ



PAULINO DE BRITO

ANNO I — AGOSTO DE 1934 —



SUMMARIO

	PAG.
Paulino de Brito—O Mestre—Heliodoro de Brito.....	1
Pagina Simples—Nelson Ribeiro.....	8
O professor e a creança—C. Jinarajadasa.....	13
A Instrucção Primaria em S. Paulo e no Pará.....	24
Oração á Patria—Amazonas de Figueiredo.....	31
Lauro Sodré e ESCOLA.....	34
O Problema do Ensino Rural—Dalcidio Jurandir.....	35
O Sorriso de Gandhi—Paulo de Oliveira.....	39
A data de 7 de Setembro.....	42
PALESTRAS PEDAGOGICAS :	
A escola nova e sua finalidade—Professora Corina Las- sance Cunha.....	43
Instrucção—Julieta Góes das Dces.....	45
O ensino primario no Brasil—M. A. Teixeira de Freitas.	48
Centro de interesse—Professora Emilia Henderson Lou- reiro.....	49
A actividade humana—Luzia Valente Lobo.....	53
Circulo de pais e professores.....	56
Historico Ramos Pinheiro—Professora Josefina Rabello.	57
Liberdade e Instrucção—Professora normalista Alexandri- na Rangel de Castro Rocha.....	59
O professorado leigo, particular ou publico, deve repelir ou ali- mentar o ensino religioso nas escolas?—Graziela Moura de Paula Ribeiro.....	62
O ensino do desenho—José Bandeira.....	65
Methodo para o calculo rapido dos coeficientes estatisticos—G. Zapan e Petre Lazar.....	71
Os processos da escola activa no Pará—Professora Palmira Lins de Carvalho.....	79
A socialisação da escola—Diplomanda Ruth Pires dos Reis,....	86
Instituto Carlos Gomes.....	92
Os pioneiros da Escola Nova — Pestalozzi.....	94
Festas Escolares.....	95
Actos do Governo.....	98
Magisterio Publico Primario do Estado.....	109
Notas e Informações.....	116

Directoria Geral da Educação e Ensino Publico do Estado do Pará

ESCOLA

PUBLICAÇÃO
BIMESTRAL

REVISTA DO PROFESSORADO DO PARÁ

ANNO I

BELEM, AGOSTO DE 1934

N.º 3

Paulino de Brito -- O MESTRE

HELIODORO DE BRITO

(Antigo Presidente da Academia Paraense de Letras)

Foi uma idéa muito feliz e louvavel a do sr. dr. director Geral da Educação e Ensino do Estado, procurando vulgarisar, pelas paginas desta Revista, os dados biographicos das personagens já desaparecidas, cujos nomes, como uma tocante homenagem, foram tomados para designar os nossos escolares. É um meio de interessar, por esses vultos passados, os espiritos juvenis que se educam acobertados sob a sua egide e satisfazer tambem á latente curiosidade de quererem elles saber o que fizeram esses homens para merecerem honra tamanha. Entretanto, o conhecimento dessas vidas não terá sóa finalidade de satisfazer uma esteril curiosidade: fará tambem que a alma maleavel da criança se detenha, como num exemplo a seguir, na contemplação de nobres existencias, algumas das quaes, abrindo caminho através de mil vicissitudes, conseguiram, pelo proprio esforço, elevar-se a eminencias em que tão uteis foram aos seus e á sua patria.

Creio não errar julgando que este ultimo aspecto foi o movel principal desta iniciativa; e, neste particular, ser collocada diante dos olhos como estimulo, poucas vidas se apresentam mais adequadas do que a de Paulino de Brito, porque poucas haverá tão trabalhadas pela adversidade desde os primeiros annos da infancia.

Nascido em Manaus a 9 de Abril de 1858; quando o seu pae, o capitão Paulino d'Almeida Brito, casado com d. Ricarda d'Almeida Brito, foi transferido para a longinqua provincia de Matto Grosso, para onde seguiu com a familia. Poucos annos ali tinham de residencia quando

*Oferta do General
Magalhães Barata*

1941

rebentou a guerra do Paraguay, sendo essa provincia invadida pelo inimigo, que chegou quasi á Capital: foi uma epocha de horror, em que a população vivia dias de pavor ante a imminencia do massacre pelas hordas barbaras de Lopez. Seu pae, acompanhando a sorte do seu batalhão,—o 2.º de Artilharia,—teve de separar-se dos seus; e, em 1868, morria em campanha, deixando a familia na situação mais critica e na mais atroz penuria. Num meio extranho, assolado pela guerra, completamente segregado do resto do paiz, ahi ficaram Paulino e os seus, até que os acontecimentos precursores do fracasso de Lopez lhes permittissem abalançar-se a uma accidentada viagem para aqui chegar, como chegaram, em 8 de Julho de 1870. Paulino contava então 12 annos e, com a sua lucida intelligencia, já houvera conseguido, mesmo no meio de tamanhas attribuições, aprender as primeiras letras. Quiz aqui continuar os estudos, mas em breve reconheceu que lhe era impossivel: com 28\$800 mensaes, meio soldo que deixara seu pae e que era a fortuna de toda a familia, não podia ter essa velleidade; com o precoce amadurecimento de espirito, que dá o infortunio, vio, apesar de criança, que era preciso trabalhar. Tentou diversos rumos, e acabou por achar mais pratico aprender um officio; e entrou para o jornal «Liberal do Pará» afim de aprender a arte typographica. Foi ahi o seu curso secundario: quando chegava á noite suarento, esfalfado e ainda tisonado da tinta dos typos, accendia a sua luz, abria o livro e nelle esquecia-se das agruras da vida. Pouco tempo levou para se destacar entre os seus companheiros de trabalho: os typographos, pelo habito de compôr o que outros escrevem, costumam adquirir no seu mister uma certa cultura, que os torna facilmente accessiveis á admiração dos homens de talento; começaram a dar apreço ao pequeno operario, que dentro em pouco se tornou o orador obrigado das suas festas e dos seus gremios, ganhando na sua roda certo prestigio. Começou então a publicar no jornal em que trabalhava as suas primeiras producções, e estas primicias, reveladoras dum talento em embryão, fizeram com que os dirigentes nelle vissem um elemento mais aproveitavel no corpo intellectual da folha do que entre os caixotins; subio á categoria de reporter e noticiarista, ficando assim com mais algum tempo para estudar e livre dos exhaustivos serões com que melhorava a sua parca feria semanal. Foi pouco mais ou menos por essa epocha que começou a funcionar a nossa Escola Normal, unico estabelecimento de ensino profis-

sional que os jovens sem recursos e com aspirações encontravam diante de si; Paulino nella matriculou-se com immensas difficuldades, fazendo prodigios para concilliar os seus deveres de estudante com as funcções em que ganhava a vida. Um acontecimento occorreu então que muito contribuiu para pô-lo em evidencia: solennisava-se a sagração de d. Antonio de Macedo Costa e grandes homenagens lhe foram preparadas; escolhido para representar a Escola Normal, Paulino recitou diante do Prelado uma poesia que fez ruidoso successo; Julio Cesar, —esse paraense de genio, cuja memoria a indifferença dos seus conterraneos já sepultou no esquecimento,—rompeu entre a massa compacta para vir abraçar, entre acclamações enthusiaslicas, ao joven poeta. Começou então a sua notoridade, e quando terminou o curso da Escola Normal, depois dum notavel tirocinio, já era figura applaudida em sessões litterarias, reuniões patrioticas, festas artisticas, comicios abolicionistas, etc. Abandonou o profissionalismo da imprensa e dedicou-se ao magisterio; no anno em que se diplomou, exerceu a sua primeira interinidade na cadeira de Portuguez da Escola Normal. Fundou um curso modelo com um dos seus companheiros de curso, que veio a fallecer pouco depois; a perda desse amigo desgostou-o profundamente e o fez dar de mão a essa iniciativa.

Tudo isto occorria nas proximidades de 1882, epocha em que começou em Belem uma phase de intensa vida litteraria; foi por esse tempo que floresceu aqui uma pleide de moços, já desapparecidos, cujos nomes são hoje vagamente lembrados: Theodorico Magno, João e Antonio Marques de Carvalho, João de Deus do Rego, Frederico Rhossard, Ignacio Moura, Magalhães Castro, Bertino Miranda e muitos outros; Paulino era a figura central desse nucleo; e quem viveu nesse tempo, pode affirmar que o Pará jamais viveu dias de mais elevada intellectualidade. Sob a influencia deste meio, agitado de nobres emulações, não podiam deter-se aqui as aspirações de Paulino: com o producto dum festival organizado por amigos seus no Theatro da Paz, animou-se á conquista dum titulo de bacharel em Direito, partindo para S. Paulo em 1884; ahi cursou o primeiro anno, transferindo-se depois para o Recife, onde, ao fim de innumeradas difficuldades, recebeu o almejado titulo em fins de 1889. Formou-se entre as acclamações que celebravam o advento da Republica. Quando voltou ao Pará, achava-se o Estado em plena faina de organização para o

novo regimen; foi empolgado pelo movimento, não obstante ter demonstrado até os seus ultimos dias mediocre tendencia para a politica; foi secretario do Directorio, mas depois, vendo que certas leis iam de encontro aos seus sentimentos de catholico, resignou o cargo.

Continou a exercer o magisterio e a escrever assiduamente na imprensa, ora artigos doutrinaes, ora poesias, ora chronicas humoristas, ora discutindo assumptos de philologia, sciencia em que se especialisara, da qual já possuia vasto cabedal. Leccionava nos institutos officaes, mas em character de interinidade; mas vagou a cadeira de Portuguez da Escola Normal e foi posta em concurso; Paulino conquistou a, revelando por essa occasião alem de notavel erudição, as qualidades que o notabilisaram como professor: fluencia de palavra, claresa de exposição e um admiravel sentimento de methodo e precisão. Tempos depois disputava, tambem em memoravel concurso, a cadeira de Litteratura do Gymnasio Paes de Carvalho. Fundando-se o Conservatorio de Musica, para cuja direcção fôra convidado o nosso inolvidavel Carlos Gomes, coube a Paulino neste instituto a cadeira de Esthetica e Historia da Musica, que elle exerceu emquanto existio esse estabelecimento.

O ensino da lingua vernacula recebera nesse tempo nova orientação, que modificou na grammatica os velhos methodos e a antiga terminologia; já por ser innovação, já por ter de ser applicada a intelligencias que entravam titubeantes na materia, é facil de comprehender a situação embaraçosa que dahi decorreu para alumnos e professores; para aggravar este estado de cousas, occorria ainda que nas proprias grammaticas expositivas tudo era nebuloso e confuso; o facto de defrontar-se, em aula, com taes difficuldades suggerio a Paulino a idéa de tornar accessiveis aos seus alumnos as noções comesinhas que a ausencia de methodo vinha envolvendo em nevoas espessas; compoz então a sua grammatica elementar; é um reduzido compendio; mas pela forma, pela claresa, pela systematisação e pela limpidez com que é exposta a materia, foi um passo decisivo para á situação cahotica existente, desopprimindo a mocidade escolar dos tropeços em que se debatia. Esta obra foi approvada e recommendada pelos Conselhos de Instrucção Publica do Pará, do Amazonas e do Rio de Janeiro; livro que não envelhece, até hoje é adoptado neste Estado, com geral acceitação de alumnos e professores. Publicou ainda a Grammatica Complementar, uma ampliação da primeira, e tinha em

mão a Grammatica Superior, que a morte não o deixou terminar; alguns capitulos que della ficaram, em manuscrito, foram impressos como appendices das ultimas edições da Grammatica Complementar.

Como erudito cultor da lingua, o nome de Paulino esteve em fóco em 1907 e 1908, por occasião da celebre polemica que sustentou contra Candido de Figueiredo, a proposito da collocação dos pronomes. Este egregio escriptor, vulgarisando num dos seus livros uma pretensa lei de attracção dos pronomes átonos, chamara de *brasileirismos* e estes de *incorreções grosseiras*, o emprego de particulas pronominaes em desaccordo com os canones por elle estabelecidos. Paulino, que tinha o melindre patriotico muito sensivel, vendo nisto uma injuria aos nossos prosadores e poetas, que nunca deram essa exaggerada importancia a taes preceitos, sahio a campo, e, em artigos publicados na «Provincia do Pará», depois reunidos num opusculo, começou por provar que a tal lei de attracção era um mytho, e, argumentando com a historia da nossa lingua, a sua origem e as tendencias das linguas neo-latinas, deixou evidente que toda essa atoarda se reduzia a uma questão phonetica, que se podia resumir na *sympathia pelo oxyotono* e na *aversão pelo esdruxulo*; era, pois, uma questão de accentuação; ora, tendo o portuguez falado pelos brasileiros outra tonalidade, não podia estar sujeito aos mesmos typos prosodicos usados em Portugal. Candido de Figueiredo respondeu pelo «Jornal do Commercio» contestando ao professor parense; este se achava então no Rio, e por esse mesmo jornal, que poz as columnas á sua disposição, rebateu o escriptor portuguez em varios artigos, depois enfeixados em volume sob o titulo de —BRASILEIRISMOS. Fazendo o juizo critico sobre o opusculo — COLLOCAÇÃO DOS PRONOMES, disse José Verissimo que esse trabalho teve o merito

«primeiro, de haver posto a questão nos seus verdadeiros termos, determinando-lhe rigorosamente os limites; segundo, de a haver desembaraçado da metaphysica grammatical de attracção de relativos e quejandas especiosas rasões, e procurado no estudo racional dos factos da linguagem, comparados com os das linguas affins, uma rasão sufficiente do facto estudado».

Esta controversia valeu a Paulino uma carta entusiastica de Sylvio Roméro, em que o grande critico o

felicitava pelo successo dos seus artigos, terminando por declarar que lhe coubera na discussão a palma da victoria.

Já falei de Paulino como professor e philologo, porém pouco tenho dito d'elle como escriptor, estando ainda por decidir em qual destes rumos alcançou mais justa nomeada; realmente, uma das suas carecteristicas, era a ductilidade com que o seu espirito se mostrava apto a revelar-se, com igual espontaneidade, sob qualquer forma de manifestação intellectual. Nunca se circumscreveo especialmente a um genero litterario; da prosa de alto cothurno, expandindo-se em tiradas nobres e vehementes, passava para a critica d'arte, para a graça leve da chronica humoristica e para o conto imaginoso que prendia pela novidade e pelo imprevisto; linguagem elegante e fluente, rica; mas sem alardes vocabularios, primava pela naturalidade. essa qualidade inapreciavel, que muitos suppõe uma aptidão inconsciente, mas, que sendo a pedra de toque do escriptor de elite, é um producto de arte e cultura; o mesmo omnimodismo, se encontra nas suas poesias, que vão desde composições de genero elegiaco, mystico e philosophico, até o jocoso e epigrammatico, todos recebendo da sua metrificacão apurada, mas despretenciosa, dos moldes justos de exteriorisação.

De tudo quanto produzio a fecundidade de Paulino de Brito durante a sua laboriosa vida, apenas pequena parte se acha divulgada em livro. Sem falar das suas obras didacticas, cuja acceitação vae contribuindo para que o seu nome não se dilua completamente no esquecimento, elle deu a lume, quando fazia as suas primeiras armas,—«*O homem das serenatas*», romance que foi publicado em folhetins no «Diario de Belem» e que teve a sua voga; veio depois o seu primeiro livro de versos—«*Noites em claro*», que foi seguido dum livro de «*Contos*»; seguio-se o seu segundo livro de versos «*Cantos amazonicos*», que abre com a sua conhecida poesia—«*Rio Negro*», e contem as suas producções mais cuidadas e perfectas. Ha ainda os dois opusculos a que já me referi,—«*Collocação de Pronomes*» e «*Brasileirismos*», cuja edição se esgottou.

*
* *

Os ultimos annos da vida de Paulino foram visitados pela adversidade, se esta, no dizer de Seneca, é um favor dos deuses só concedidos aos que elles desejam dar occasião de revelarem a sua grandesa d'alma, pode-se dizer que neste particular Paulino foi bem aquinhoado

Se o começo da sua vida foi amargurado, o fim não o foi menos. Trabalhando desde tenros annos e exgottando toda a sua vida numa cathedra de mestre, a sua constituição physica, que não era robusta, veio a resentir-se disso. Em 1912 começou a sentir os prenuncios do mal que devia agrilhoal-o durante sete annos num leito de soffrimentos inenarraveis. Catholico fervoroso, encontrou na sua fé, da qual fôra denodado paladino, thesouros de resistencia e resignação. Quem se acercava da cama em que uma paralytia inclemente devastava o seu envolucro material, perdia ás vezes a noção daquella triste realidade, vendo o estoicismo com elle se animava e revivia as suas qualidades de interessante causeur, fazendo o gasto duma conversação empolgante, cruzada dos lampejos duma intelligencia que continuava integra num corpo em declinio. A longa enfermidade reduzira-o a uma situação extremamente precaria, e, para remedial-a, trabalhava ainda no meio de dores cruciantes; collaborou na imprensa até os seus ultimos dias, cahindo como um batalhador que morre de armas na mão. Aguardando anciosamente a morte como uma redempção, fechou os olhos para sempre, confortado com todos os sacramentos da Igreja, em 16 de Setembro de 1919.

*
* *

Bem se pode ver que estas linhas apenas ligeiramente podem dar a idéa duma existencia que irradiou durante quarenta annos nas lettras paraenses; accresce ainda que, se é gratissimo ao meu coração recordar a trajectoria de Paulino, não deixo de sentir, dados os laços que nos prendem, um certo constrangimento em falar da sua obra, receiando a todo momento ser averbado de suspeição; admitto que é bem possivel que essa obsessão contribuisse para falsear algum ponto de vista, privando a sua figura do justo relevo; entretanto, deficiente ou suspeito, não reclamo para este trabalho outro valor senão o da sinceridade com que pretende disputar ao olvido uma memoria digna de ser perpetuada.

Agosto—1934.

Embora nessa expectativa, devo antecipar-lhe que não vejo recommendado por nótos sabedores da lingua o uso do circumflexo nas variações da palavra *português*.

Quemquer, lido nessas coisinhas, irritadoras de fogosos bandeirantes, se conhece o motivo por que, em Portugal de outrora, se graphou o vocabulo com *z*, muito mais tarde, segundo o étymo, permutado por *s*, de logo acertará o razão do accento na forma normal, apenas.

Vale assegurar que não firmo principio, tão propagado. elle vae nas paginas de Mario, Laudelino, mil outros, de Vasconcellos, chancellador maior do cânon.

E errar com esses ja é saber errar. Dahi a causa de eu escrever *português* (com accento); *portuguesa*, *portugueses* (sem accento).

* *

Quer parecer-me, salvo melhor juizo, que você, nesse ponto, pelo que deixa perceber, deseja acostar-se á chamada orthographia simplificada. Procedente a supposição, só attribuo á influencia de algum folheto recuado, de mim desconhecido, obra talvez de mau copista.

Admittamos, conforme diz, tenha visto *nobrêsa*, *belêsa*, *lindêsa*, etc., (com accento e *s*). Seria isso razão para uma analogia? Não. Nem legitima, nem falsa. De um lado, o historico; de outro, a formação vernacula. Logo, graphar *portuguêsa* (com accento) é tão errado quanto escrever *belêsa*, *certêsa*, etc. (com accento e *s*).

Se para verificação não ha mistér demorado exame, ahi, a dois passos, as disposições do Vocabulario Official, organizado pela Academia Brasileira. Sobrando tempo, consultemos ao citado Vasconcellos e aos demais.

* *

Infelizmente, meu caro, o processo simplificado radicou em certos espiritos, moços, avelhentados e velhos, duvidas tão duras que nem a vara de Moysés logrará removel-as.

E consinta confessar-lhe, em tempo, que de tal materia fallo a medo, pois não ergo voto em assumpto que me não attrahe ou proporciona o agradavel castigo de um trabalho severo.

Se voto assignasse, seria com restricção e apoiado em estribos que me aconselha a leitura.

Antes ouviria a palavra de Pinheiro Chagas e Latino Coelho :

... «toda a reforma orthographica é uma revolução, mas uma destas revoluções completas, intransigentes, que principiam fazendo a banca-rôta da tradição, expungindo da vida nacional toda a filiação e descendencia historica, e decretando ousadamente que o passado não tem direito de pedir a mínima representação nas idéas e nos factos do presente».

E continuaria ouvindo o mestre moderno :

«A orthographia de uma lingua não é cousa que se reforme. Orthographia estuda-se, esclarece-se, mediante a etymologia; simplifica-se mediante a acção secular; e uniformiza-se consoante os esclarecimentos e investigações de casos controvertidos. Nunca jamais se lhe poderá alterar radicalmente, e por decreto, a feição tradicional, legitima e legitimada, senão admittir e consagrar as alterações que lhe vão sendo determinadas pela acção do uso e do tempo».

*
* *
*

Outro passo a que você allude, por mim attendido, é o emprego de *visar* com objecto indirecto.

Fil-o em razão do sentido. E' um dos exemplos de dupla regencia que você estudou. Não é caso semelhante ao de *presidir*, *renunciar*, etc., senão, comparavel ao de *desertar*, *importar*, e outros.

A's vezes, o sentido com esta ou aquella regencia em nada se altera; vezes outras, fica dependendo rigorosamente da syntaxe applicada.

O verbo *visar*, pois, rege ora dativo, ora accusativo. Se isso admira, que dizer da syntaxe variada de *aconsehar*?

E' verdade que bastante se tem abusado, e sem credencial.

Cohonestando desvios, appellamos, não raro, para a «Sciencia das Significações». E lá surgem normas que não justificam synchyse ou quaesquer idiotismos arrolados por quem poderia fazel-o.

Como comprobante dessa liberdade censuravel, não me seria difficil apresentar-lhe especies diversas, dellas uma de pouco tempo, — fosse de meu vêzo ferir a susceptibilidades.

Helio Ribeiro, Góes e Freire, a pleno contento, proporcionam a methodização da materia.

* * *

Consoante me affirma, já concluiu pela justeza da expressão—*fazer verbo*.

De facto, é correntia, posto menos trivial que a synonyma—*conversar*.

Verbo, você não ignora, é *palavra*, no sentido lato.

E se entramos em accordo, resta, para solidar conviction, collocar sob os olhos os periodos criteriosos de Balmes.

* * *

Louvo sua vontade de registrar entre archaismos a forma—*gasalhado*.

Em que conceito terá você o *archaismo* ?

Observemos que o simples rotulo de *palavra velha* não garante a rubrica. E não garante porque *palavra*, como ouro, não envelhece. O de inusitado, obsoleto, esse me não impediria de a encontrar resuscitada, clamando contra o esquecimento dos grandes mestres.

E se resuscita não é *verdadeiro archaismo*, visto que os legitimos *jamais revivem*.

Dar-lhe-ei prova ligeira, dos de sentido, em *abater*, por *embaraçar*; *acatar*, por *acontecer*; *anaçar*, por *bater* ou *mover* algum liquido, todos estes, e numerosos outros, colhidos em «Espirito da Lingua Portuguesa», estudo judicioso de Antonio de Figuerêdo.

De *gasalhado*, supposto archaismo que você não classificou, fizeram uso Antonio Ferreira dos Santos (Revista do Ensino) e Carlos Nascimento (A Lingua Nacional), lembrados palinuros da mocidade estudiosa.

Acredito, apenas, no «desuso aparente» de *gasalhado*. Se não vale isto, como acceitar a restauração de *algures*, *alhures* (quase em novo esquecimento); *merencorio*, *soer*, *confortar*, *ufano*, *acoimar*, *saimento*, *delonga*. etc.

Afinal, meu caro, abra Ruy e Coelho Netto, fixe a retina em Carneiro («Serões»), em João Ribeiro (Diccionario Grammatical), em José Alexandre Passos (Diccionario Grammatical) e reconheça-me o direito de preferencia.

* * *